

# CARTOGRAFAÇÃO DE DADOS TOPONÍMICOS NO BRASIL: PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

## *CARTOGRAPHY OF THE TOPONYMIC DATA IN BRAZIL: HISTORIOGRAPHICAL PERSPECTIVE*

Márcia Zamariano<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Londrina

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar um panorama da cartografia de dados toponímicos no Brasil. Como síntese da pesquisa, apresentamos cartas toponímicas que representam tentativas de cartografia dos topônimos de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Roraima, Bahia, Minas Gerais e Goiás.

**Palavras-Chave:** Toponímia; Cartografia; Perspectiva historiográfica.

### ABSTRACT

The objective of this paper is to present a cartography panorama of the toponymic data in Brazil. As a synthesis of this paper, we present toponomic letters that represent attempts to cartography of the toponymies of São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Roraima, Bahia, Minas Gerais and Goiás.

**Keywords:** Toponymy; Cartography; Historiographical perspective.

## INTRODUÇÃO

A língua exerce, em toda e qualquer sociedade, um papel preponderante, tendo em vista que é por meio dela que nos comunicamos, interagimos, forjamos os nossos juízos, exprimimos os nossos pensamentos, projetos, sentimentos e emoções. Antes disso, ela é o instrumento com que o homem inteligente significa para si o mundo ao seu redor, tomando conhecimento dele no processo vital da inteligência que é ato de pensar, verbalizar, raciocinar. Isso só é possível porque o homem se expressa por meio de palavras, frases e textos e com eles se comunica, abstrai e interpreta a realidade das coisas que existem, inventa outras e lhes atribui nomes.

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela UEL. ([mazamariano@gmail.com](mailto:mazamariano@gmail.com))

Assim, pela ação de nomear, o ser humano expressa sua própria essência espiritual, e, quando no cotidiano designa as coisas, manifesta a sua essência linguística.

Biderman (1998, p.81; 88; 90) considera a palavra “mágica, cabalista e sagrada”, constitutiva de uma realidade dotada de poder. A partir da palavra, as “entidades da realidade” podem ser nomeadas e identificadas, criando um universo significativo revelado pela linguagem. A autora pondera ainda que “o uso de palavras para designar os referentes extralinguísticos é específico da espécie humana”. Acrescenta, ainda, que “o léxico é conceptualizado como um conjunto de representações, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve” para se comunicar.

O léxico é o nível linguístico que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais, a maneira como a sociedade vê e representa o mundo, já que age como elemento propagador do complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que abarcam a atenção da comunidade (SAPIR, 1969, p.27). Considera-se que, para o real conhecimento da língua de um grupo humano, é preciso observar também a sua história, os seus costumes e o ambiente em que ele vive. As relações língua-cultura-sociedade estão refletidas na língua e, a partir de seu estudo, principalmente no nível lexical, podemos observar aspectos valorizados por determinado grupo e até as condições de vida impostas a ele pelo meio físico. Dessa forma, a análise do acervo lexical de um grupo reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia, por exemplo, quando nomeiam pessoas e lugares.

A investigação do léxico toponímico constitui o objeto de estudo da Toponímia<sup>2</sup>, área que concebe o topônimo como uma expressão linguístico-social que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente. A Toponímia, que tem por objeto de estudo o exame da origem e do significado dos nomes dos lugares (topônimos), é um dos ramos da Onomástica ou Onomatologia – ciência dos nomes próprios – juntamente com a Antroponímia, que se ocupa do estudo dos nomes

<sup>2</sup> Em geral, ao ser tomada como campo de conhecimento, a Toponímia é pensada de modo específico sobre sua natureza interdisciplinar, uma vez que essa disciplina se completa com a busca de informações nos campos temáticos de outras disciplinas como a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e até mesmo na Psicanálise.

próprios de pessoas.

Os membros de qualquer comunidade nomeiam tudo, mas também aquilo, que de alguma maneira apresenta algum tipo de interesse para eles. O “batismo de lugares” é, pois, profundamente influenciado pela cultura do povo, da sociedade, por meio de eventos ocorridos em tempos passados. O topônimo é sempre um depósito da memória coletiva; não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade, pois guarda estreita ligação com o solo, com o clima, com a vegetação abundante ou pobre e com as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida. Ele testemunha o passado no presente, razão pela qual permite recuperar sucessivas vivências humanas, sobretudo nos lugares onde povos de culturas e línguas diferentes se sobrepuseram. Os estudos toponímicos vêm se constituindo em um caminho possível para o conhecimento dos mais variados aspectos culturais das comunidades linguísticas que ocupam ou ocuparam uma determinada localidade. Não se busca nesses estudos apenas a origem do topônimo, mas também a motivação que subjaz à escolha do designativo.

No Brasil, a Tese de Doutorado da Profa. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, defendida em 1980, além de apresentar fundamentos teóricos e metodológicos da Toponímia, representa um primeiro despertar para a necessidade de cartografia de dados toponímicos no Brasil<sup>3</sup>. De acordo com Aguilera (2006, p.134), a década de oitenta é “uma referência para a expansão dos estudos toponímicos no Brasil”, mas é na de 90 que “pesquisadores de outras instituições começam a desenvolver projetos voltados para esse ramo do conhecimento linguístico”.

Assessorados e aplicando a teoria e princípios metodológicos construídos por Dick, surgem outras variantes regionais do Projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil, dentre elas, os projetos ATEPAR – Atlas Toponímico do Estado do Paraná; ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul; ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais; ATTTO – Atlas Toponímico Indígena do Tocantins, além de recortes em outras unidades da federação, estudados como trabalho acadêmico em

<sup>3</sup> A teoria e os princípios metodológicos construídos por Dick a partir da toponímia brasileira foram aplicados e aprofundados em dados da toponímia de São Paulo, no Projeto ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo, variante regional do ATB – Atlas Toponímico do Brasil.

nível de pós-graduação, conforme será demonstrado neste trabalho que tem como propósito focar a historiografia das variantes regionais de projetos de atlas toponímicos, bem como trabalhos acadêmicos vinculados ou não a esses projetos que apresentaram propostas de cartografia toponímica.

## 1. Os Atlas Toponímicos

A elaboração de um atlas toponímico foi pensada basicamente para a leitura da cartografia oficial, diferindo, nesse ponto, “dos Atlas Linguísticos concebidos como levantamentos das realizações fonológicas do grupo e suas decorrências, em pontos escolhidos como adequados”. Com relação à metodologia proposta para a interpretação do sistema toponímico do Brasil, “não difere, assim, em sua base, do estabelecido por Dauzat para a apreensão da nomenclatura geográfica da França”. E acrescenta que discorrer sobre a elaboração de um Atlas Toponímico é trazer, simultaneamente, à discussão, uma série de “questões ligadas a princípios teóricos que se encontram definidos em outras sequências de conteúdo, sob outros títulos, mas que se interligam nas tipologias dos topônimos”. O reconhecimento destes é, o “objetivo de base da organização de um Atlas” (DICK,1998,p.189).

### 1.1 São Paulo

Em se tratando do primeiro modelo regional do ATB, o projeto ATESP, Dick esclarece que, dentro da metodologia adotada, a elaboração dos atlas toponímicos estaduais, de que o de São Paulo é o protótipo, operacionaliza-se, segundo as seguintes etapas: 1 - pelo remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão (a estratigrafia toponímica, em São Paulo, acusa nomes portugueses, tupis, guaranis, kaingangues, africanos e de natureza híbrida); 2 - pela distribuição toponímica em categorias taxionômicas, que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil (DICK, 1998, p.191).

Segundo Dick (1996, p. 29; 40), estudar “a codificação onomástica, cartograficamente, é penetrar nos meandros do sistema da linguagem, de que é extensão particularizadora ou referencial”. Assim, para a cartografia da toponímia do Estado de São Paulo, a pesquisadora propõe dois tipos de

cartas, para fins de registro da nomenclatura municipal: *cartas gerais* e *cartas parciais*, ambas configurando-se como mapas temáticos, do ponto de vista da cartografia moderna.

Segundo esse modelo, as *cartas gerais* têm como objetivo mapear o conjunto dos estratos etnodialeológicos do sistema toponímico paulista (português, africano e indígena), identificando-os por cores contrastantes, destacando, na estrutura territorial, a ocorrência dos vocábulos pertencentes às diferentes línguas. Já as *cartas individuais*, uma subdivisão das *cartas gerais*, objetivam mapear as camadas dialetais e buscam a visualização da quantificação numérica de cada uma dessas camadas, segundo a área, a interpenetração vocabular, os pontos de concentração e de distanciamento dos focos de irradiação e a inexistência de traços linguísticos de determinada origem em determinadas regiões (DICK, 1996, p. 40).

As *cartas parciais*, por sua vez, “incidem também em cada um dos estratos linguísticos revelados, e levam em conta as *categorias taxionômicas classificatórias* e o índice de sua incidência no *corpus* toponímico”. Depois de interpretados e analisados, os topônimos devem ser inscritos em *cartas taxionômicas corocromáticas qualitativas ou temáticas*, cujo número deve ser proporcional ao dos acidentes classificados (DICK, 1996, p.40). Em outra oportunidade, a pesquisadora retoma a discussão sobre a elaboração de um atlas toponímico e apresenta o modelo de carta geral do Estado de São Paulo. A seguir, apresentamos a reprodução de uma carta toponímica do ATESP publicada por Dick (2006, p.222):



Figura 1: Carta Geral do Estado de São Paulo

A partir da década de 90, do século XX, surgiram variantes do Projeto ATB que, além da coleta de dados, ensaiaram tentativas cartográficas em vários Estados como Paraná, Mato Grosso do Sul, Roraima, Bahia, Minas Gerais e Goiás.

## 1.2 Paraná

O Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Antonieta Carbonari de Almeida, desenvolveu, no período de 1996-1999, o projeto “Pelos caminhos do Paraná: esboço de um Atlas Toponímico – ATEPAR”<sup>4</sup> que, nessa etapa, fez o levantamento e a classificação dos topônimos de 323 municípios cadastrados pelo IBGE, até 1991. Já na sua segunda etapa, o projeto “A Toponímia Paranaense - ATEPAR 2”<sup>5</sup>, desenvolvido entre 2000 e 2003, envolveu os novos municípios emancipados a partir de 92, perfazendo o total de 399 municípios. A partir dessas iniciativas constituiu-se o banco de dados do ATEPAR (cerca de 20.000 topônimos cadastrados com análise etnolinguística, taxionômica e etimológica), com dados obtidos mediante cartas enviadas às Prefeituras Municipais.

Como produto relacionado ao Projeto ATEPAR, Aguilera (2006, p.134) destaca o desenvolvimento de trabalhos sob forma de monografias de conclusão de cursos de pós-graduação *lato sensu* (cerca de 20 trabalhos) ou como dissertações de Mestrado (04), além de cerca de 50 estudos, apresentados como comunicação em Congressos e similares e publicados sob a forma de artigos em periódicos e anais de eventos<sup>6</sup>. Dados os objetivos e dimensão deste estudo, apresentamos, na sequência, informações pontuais sobre os quatro trabalhos produzidos como dissertações de Mestrado, defendidas no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

A dissertação *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaíba* (1998), de Ignez de Abreu Francisquini, catalogou

<sup>4</sup> O ATEPAR teve como objetivo inventariar e classificar todos os topônimos paranaenses, segundo as taxionomias propostas por Dick (1990b, p.31-34).

<sup>5</sup> O encerramento do projeto ATEPAR-2 se deu em 30 de setembro de 2003, com o relatório final apresentado em 07 de outubro de 2003.

<sup>6</sup> Dados gerais acerca do percurso do Projeto ATEPAR, em especial os produtos gerados por esse projeto de pesquisa foram apresentados por Zamariano (2006) e por Moreira (2006).

e analisou 730 topônimos de 29 municípios da microrregião de Paranavaí, apresentando também como produto final um glossário desses topônimos, contendo a etimologia, a estrutura morfológica e a motivação toponímica de cada topônimo.

Já a pesquisa intitulada *A relação da hidronímia com a História Social do Paraná: uma descrição diacrônico-contrastiva* (2004) de Lídia Albino, estudou os topônimos relativos aos afluentes e subafluentes do rio Iguaçu, em dados recolhidos de mapas de três períodos: 1876, 1896 e de 107 mapas atuais (a partir de 1980), ressaltando os principais fatores que contribuíram para sua estruturação, seja do ponto de vista da filiação linguística ou da motivação originária e, assim, relacionou-os com dados da História Social do Paraná.

Outra dissertação, *Toponímia Paranaense do período histórico de 1648 a 1853* (2006), de Márcia Zamariano, priorizou a catalogação, a classificação taxionômica, a descrição e a análise dos nomes dos acidentes físico-geográficos de 36 municípios paranaenses, fundados entre 1648 e 1853 e discutiu a inter-relação homem/ambiente/língua/cultura com base nos topônimos registrados nos municípios estudados.

Por fim, a dissertação *A Toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das Missões e Estrada de Palmas*, de Hélio Costa Moreira (2006), priorizou a catalogação, a classificação taxionômica, a descrição e a análise dos nomes de acidentes físico-geográficos dos municípios paranaenses localizados no Caminho das Missões e na Estrada de Palmas, delineados no mapa elaborado por Brasil Pinheiro Machado (1963), com o objetivo de verificar em que proporção o Ciclo do Tropeirismo deixou marcas na toponímia pesquisada.

Apesar de o material coletado pelo Projeto ATEPAR não ter gerado o mapeamento dos dados por meio de um atlas toponímico, houve tentativas de cartografia desses dados. A primeira delas integra o trabalho monográfico de Oliveira (2000), que apresentou uma proposta de cartografia da mesorregião Norte Pioneiro. Parte dos resultados desse estudo foi publicada por Milani e Oliveira (2002). A seguir reproduzimos um modelo de carta extraído desse trabalho:

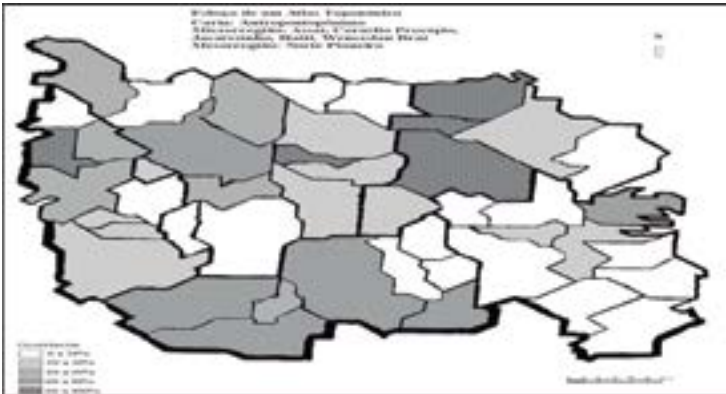


Figura 2: Modelo de Carta Toponímica

Ainda com relação a modelos de cartas apresentadas para a cartografia dos dados do ATEPAR, no encerramento do Projeto, o Prof. João Antonio Leite Ramos, membro da equipe de pesquisa, elaborou um modelo de carta, organizado a partir das informações disponíveis no banco de dados do Projeto ATEPAR/UDEL, a seguir reproduzido<sup>7</sup>:



Figura 3: Carta Toponímica – Fitotopônimos – Microrregião de Jaguariáiva

### 1.3 Mato Grosso do Sul

O Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul, em desenvolvimento na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob a coordenação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, na sua primeira etapa (2002-2006), segundo Isquerdo (2008, p.58), recolheu e analisou

<sup>7</sup> Produto de caráter inédito – integra o Relatório Final do Projeto ATEPAR (2003). Não constam no Relatório os critérios que orientaram a elaboração dessa carta.



os dados dos municípios sul-mato-grossenses, por meio da produção de 06 dissertações de Mestrado, produzidas e defendidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras, do *Campus* de Três Lagoas/UFMS (SCHNEIDER 2002; DARGEL, 2003; TAVARES, 2004; GONSALVES, 2004; TAVARES, 2005 e SOUZA, 2006). Vale registrar que essas pesquisas seguiram os mesmos procedimentos teórico-metodológicos, no que diz respeito à fonte primária dos dados (folhas cartográficas do IBGE e/ou do Exército Brasileiro, na escala 1:250.000) e ao modelo de classificação taxionômica dos designativos de lugares (DICK, 1992). Dentre esses trabalhos acadêmicos, 02 apresentaram propostas de cartografiação de dados (DARGEL, 2003; TAVARES, 2005), cujos resultados serão a seguir retomados.

A Dissertação de Mestrado – *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do bolsão sul-mato-grossense*, de Dargel (2003), por exemplo, contém a primeira proposta de cartografiação da toponímia sul-mato-grossense, pautando-se na teoria de Dick (1996). Dargel (2003, p.170-171) apresentou como parte de sua dissertação, um esboço de atlas contendo 54 cartas toponímicas relativas aos 11 municípios que integram a região do Bolsão sul-mato-grossense. Segundo a autora, a sua proposta de carta toponímica assemelha-se ao modelo de Dick (1996), apresentando “uma carta toponímica para cada taxa sugerida e a separação dos municípios por cores”, diferenciando-se quanto à base cartográfica – Dargel (2003) identifica o acidente por meio de coordenadas geográficas. A proposta de Dargel (2003, p.183-224) inclui ainda uma carta para o total de topônimos em cada um dos municípios estudados (Carta X); uma carta que representa os fitotopônimos no conjunto geral dos dados (Carta XXVI); uma carta para a língua de origem dos topônimos (Carta XLIV), com a estrutura morfológica dos topônimos (Carta LII). A seguir, reproduzimos a carta XXVI:



Figura 4: fitotopônimos – Bolsão sul-mato-grossense

Parte das cartas propostas por Dargel (2003) segue o modelo de Dick (1996a), à medida que apresenta uma carta toponímica para cada taxa sugerida pela toponimista, identificando os municípios por cores. Outras se diferenciam do modelo citado quanto à base cartográfica, pois as sugeridas por Dargel “representam uma tentativa de facilitar a identificação dos acidentes por meio de coordenadas geográficas, que podem ser colhidas por GPS ou por intermédio de carta oficial do IBGE ou do Exército Brasileiro” (DARGEL, 2003, p. 170-171). Outro recurso utilizado nas cartas apresentadas por essa autora, a partir da teoria de Dick (1996, p.33-41), é a não marcação cromática do município que apresentou ocorrência zero do dado mapeado, facilitando, assim, a leitura da não ocorrência de topônimos da taxionomia toponímica em questão ou de algum topônimo representado na carta. Cada município foi codificado com uma cor distinta. Além das cartas que seguiram a orientação teórica de Dick (1996a), Dargel apresentou outros modelos que surgiram da necessidade de mapear particularidades do universo pesquisado como, por exemplo, a Carta Toponímica II, que contém os caminhos dos sertanistas pelas águas, mais especificamente, o roteiro que os bandeirantes percorriam, no Bolsão, através dos rios, entre outras.

Outra proposta de cartografia para a toponímia sul-mato-grossense, vinculada ao Projeto ATEMS, foi a apresentada por Tavares (2005), na Dissertação de Mestrado – *Estudo toponímico da região Centro-norte*

do Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história, também defendida na UFMS. A autora utiliza como parâmetro as orientações teóricas de Dick (1996) e ratifica, em alguns aspectos, a proposta de Dargel (2003). Tavares (2005, p. 190) argumenta que as suas cartas assemelham-se às de Dargel em dois aspectos:

foi deixado em branco, nas cartas, o município cujos topônimos ainda não foram classificados em termos taxionômicos e codificamos a identificação de cada município com uma cor; apresentamos a quantificação dos topônimos tanto em valores numéricos como em percentuais, com a diferença de organizarmos em ordem decrescente os dados da legenda.

A diferença entre as cartas de Dargel e as de Tavares está no fato de esta última pesquisadora não ter detalhado as coordenadas geográficas das cartas. A seguir, reproduzimos a carta II de Tavares (2005):



Figura 5: Quantificação dos topônimos dos acidentes físicos e humanos por município da mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul

A segunda etapa do Projeto ATEMS configura-se, a partir de 2008, como um Projeto interinstitucional, sediado na UFMS, que congrega pesquisadores de outras Instituições de Ensino Superior (UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados, UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e UNIDERP – Universidade Anhanguera), desenvolvido com apoio financeiro da FUNDECT – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento de Ensino, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul. Nessa fase, o Projeto ATEMS, além de ampliar a base de dados com três produtos finais:

a organização de uma base de dados informatizada sobre a toponímia sul-mato-grossense, contendo informações detalhadas acerca de cada topônimo estudado (etimologia, estrutura morfológica, classificação taxionômica, histórico do topônimo, informações enciclopédicas sobre o nome, dentre outros); ii) a construção do Atlas toponímico que visualizará dados relativos aos topônimos que nomeiam acidentes humanos (municípios, vilas, distritos, povoados, bairros rurais...) e físicos (rios, lagoas, corixos, serras...), localizados nos diferentes municípios do Estado; e, iii) construção do dicionário de topônimos do estado de Mato Grosso do Sul (ISQUERDO, 2008, p.58).

Embora o Projeto ATEMS ainda esteja em execução (na fase de revisão e discussão sobre a cartografação dos dados), alguns dados iniciais do Projeto, relativos à macrotoponímia já vêm sendo mapeados, como os apresentados, a seguir:

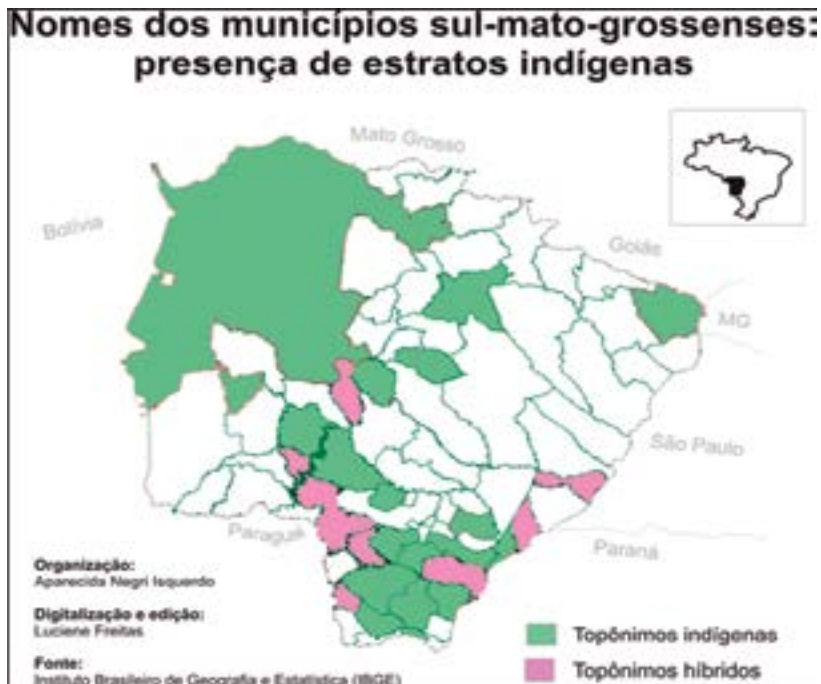


Figura 6: Nomes dos municípios sul-mato-grossenses: estratos indígenas



Figura 7: Ano de fundação: municípios de Mato Grosso do Sul

### 1.4 Roraima

Outra proposta para a cartografiação de dados toponímicos foi apresentada por Carneiro (2007), em sua Dissertação de Mestrado *A morada dos Wapixana: Atlas Toponímico da região indígena da Serra da Lua – RR*. Segundo Carneiro (2007), a morada dos Wapixana (Arawak) são os campos do nordeste de Roraima e, em sua porção sudeste, se encontra a região indígena da Serra da Lua, composta de 17 malocas indígenas com 5.000 Wapixana. O autor apresentou como resultado de sua pesquisa mapas dialetológicos e taxionômicos, como os representados a seguir:

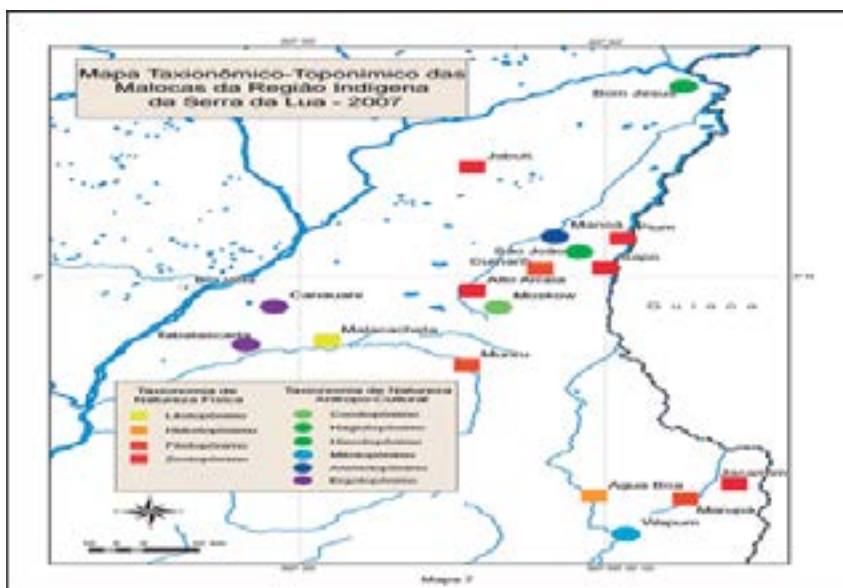


Figura 8: Mapa Taxionômico-toponímico das malocas – Serra da Lua – Roraima

### 1.5 Bahia

Ramos (2008) também incluiu como parte da sua Tese de Doutorado, *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudanças*, o Atlas Toponímico-Histórico dos Municípios Baianos (ATHMB), apresentado como volume 2 da Tese.

Esse atlas contém 35 cartas, assim distribuídas: 8 cartas introdutórias; 23 cartas toponímicas e 4 cartas complementares. A pesquisa estudou os topônimos de todos os municípios do Estado da Bahia, analisados em

05 diferentes sincronias (1827, 1890, 1940, 1970 e 2000) e também numa perspectiva diacrônica.

Selecionamos para representar o modelo sugerido por Ramos a carta pertencente à sincronia de 2000 (Carta 28):

Carta 28: Categorias Toponímicas Gerais no Estado da Bahia em 2000



Figura 09: Categorias toponímicas gerais – 2000 – Bahia

## 1.6 Minas Gerais

Em Minas Gerais, a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, desenvolve, desde 2005, o Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas – ATEMIG. Esse Projeto caracteriza-se como um estudo dos nomes de lugares que abrange todo o território mineiro, tendo como objetivos básicos: i) reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros; ii) estudar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração) e iii) buscar a influência das línguas

em contato no território. Como variante regional, o projeto adota a mesma metodologia do Projeto ATB: i) o “método das áreas” utilizado por Dauzat (1926) que propõe o remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão e ii) a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugerida por Dick (1990).

O projeto está realizando o detalhamento da realidade toponímica mineira, com vistas a identificar as características denominativas dos acidentes geográficos de todos os municípios do estado de Minas Gerais. Para tanto, está levantando todos os nomes de povoados, rios e acidentes geográficos documentados em mapas municipais – fontes do IBGE, com escalas que variam de 1:50.000 a 1:100.000. Os topônimos coletados são registrados em fichas, conforme modelo sugerido por Dick (2004), para posterior análise e classificação. Essas fichas constituem uma análise detalhada do topônimo, com informações que o integram à sociedade e à cultura (SEABRA, 2008, p.229-236).

No Projeto ATEMIG já foram apresentados alguns esboços de cartas para 03 regiões do estado de Minas Gerais, dentre as 10 que compõem a divisão de macrorregiões. As cartas foram elaboradas a partir da metodologia sugerida pela coordenação do ATB: o “método das áreas” utilizado por DAUZAT (1926) e a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugerida por DICK (1990). Escolhemos para representar o modelo sugerido por Seabra (2008, p.229-236) a carta da região do Triângulo Mineiro:



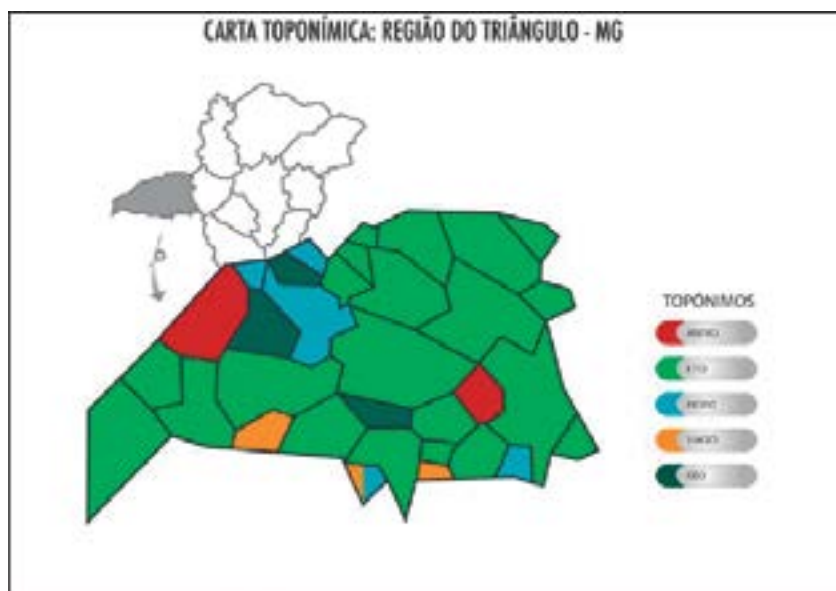


Figura 10: Carta toponímica – região do Triângulo Mineiro – Minas Gerais

### 1.7 Goiás

A cartografia de dados toponímicos também foi objeto da pesquisa de Pereira (2009), em sua Dissertação de Mestrado *A Toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do sul goiano*. A pesquisa analisou os nomes dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis – Goiás, além de ter realizado um estudo comparativo entre os topônimos dessa microrregião, os da região do Bolsão Sul-mato-grossense (DARGEL, 2003) e os de 11 municípios do Triângulo Mineiro (Projeto ATEMIG). O estudo comparativo da toponímia da região de fronteira entre Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais buscou identificar possíveis isoglossas toponímicas nessas áreas de fronteira. A proposta de cartografia se compõe de 11 cartas toponímicas, das quais selecionamos a Carta IX, apresentada na sequência:

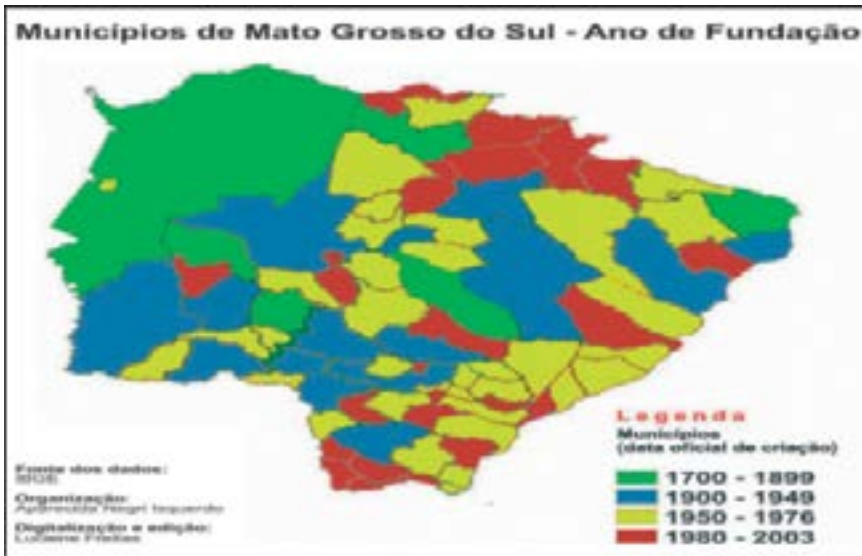


Figura11: Carta toponímica – distribuição quantitativa de topônimos de base indígena na fronteira de Goiás com os Estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais

## 2. Atlas toponímico das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-oriental e Norte Pioneiro, do Paraná: uma proposta<sup>8</sup>

### 2.1 Princípios orientadores

Em uma pesquisa sobre a toponímia de uma determinada região, os dados toponímicos tabulados podem ser exibidos tanto em forma de mapas e cartas quanto em forma de gráficos. A diversidade de temas trabalhados num atlas, seja em visão estática, de caráter dinâmico, seja em raciocínio analítico, pode recorrer aos métodos de representação oferecidos pela Cartografia temática.

Apresentamos a seguir uma proposta de cartografia de dados toponímicos das 03 mesorregiões do Estado do Paraná. O elenco dos topônimos pesquisados em mapas oficiais dos municípios das 03 mesorregiões foi distribuído em 02 grupos de cartas de acordo com a natureza do acidente nomeado: no 1º as cartas apresentam a macrotoponímia com a nomenclatura ou denominação dos municípios e, posteriormente, a

<sup>8</sup> Para maiores esclarecimentos ver: ZAMARIANO, Márcia. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000161006>.

microtoponímia com a denominação dos acidentes geográficos físicos dos municípios estudados<sup>9</sup>.

No modelo de atlas proposto, para a macrotoponímia (nomes dos municípios) foram concebidas cartas que possuem como base as 03 mesorregiões, visualizando-se a totalidade dos dados e com a mesma base de cartas qualitativas. Já na microtoponímia (denominação dos acidentes), foram considerados 04 níveis de análise – cartas quantitativas, qualitativas, a união das duas e, finalmente, carta com o município, cujos dados foram cartografados.

Como síntese da pesquisa, apresentamos a carta toponímica que representa a cartografia dos topônimos das mesorregiões do Estado do Paraná – Metropolitana de Curitiba, do Centro-Oriental e do Norte Pioneiro, elaboradas com base na literatura existente sobre o assunto.



Figura 12: Carta Toponímica IV – Classificação taxionômica dos nomes de municípios

<sup>9</sup> Essa divisão para fins de cartografiação foi necessária em virtude do grande número de dados catalogados nos mapas dos 97 municípios estudados.

## Considerações finais

Os trabalhos a que tivemos acesso com propostas de cartografiação, apresentados nesta pesquisa, reforçam a necessidade de parâmetros específicos que orientem a cartografiação de dados toponímicos, em termos de microtoponímia, sobretudo, para aqueles municípios que concentram quantidades expressivas de topônimos. Espera-se que as propostas aqui apresentadas para toponímia paranaense possam somar às já existentes e, depois de lapidadas em aspectos que se fizerem necessários, possam servir de parâmetro para cartografiação de outros dados toponímicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Dialetoлогия e Toponímia. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, p.129 - 146.

BIDERMAN, Maria Tereza. Dimensões da Palavra. In: *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1998. p. 81 - 118.

CARNEIRO, João Paulo J. Andrade. *A morada dos wapiçana: atlas toponímico da região indígena da Serra da Lua - RR*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico: um estudo de caso. In: *Acta Semiotica et Linguística*. SBPL. São Paulo: Plêiade, v. 6, 1996, p. 27 - 44.

\_\_\_\_\_. Atlas toponímico: um estudo dialetológico (Projeto ATESP). In: *XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Ed. Tubingen: Niemeyer, v. IV, Bruxelles, 1998. p.189 - 197.

\_\_\_\_\_. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de Caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. *Revista ProLíngua*. n.2, v.1, dezembro/2008. Disponível em: <http://www.revistaprolingua.com.br/wp-content/uploads/2009/07/aparecida-negri-isquerdo.pdf>.

MILANI, Gleidy Aparecida Lima; OLIVEIRA, Leodmar Romam de. Cartas dialetológica e toponímica: duas realidades, um mesmo produto. Anais... XV CELLIP– Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná, v. 1, Curitiba, 2001.

PEREIRA, Renato Rodrigues. *A toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do sul goiano*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudanças: Atlas Toponímico-Histórico dos Municípios Baianos*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org). *ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: Variante Regional do Atlas Toponímico do Brasil*. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (org.) *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, v.1, p.1945 - 1952. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/ileel/artigo\\_403.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigo_403.pdf). Acesso em: 21 abr. 2009.

TAVARES, Marineide Cassuci. *Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três

Lagoas.

ZAMARIANO, Márcia. *Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.